



Katie, Tyler e Ka Hsaw Wa formaram a EarthRights International para ajudar as vítimas de abuso em Burma.

# ATO de JUSTIÇA

Um casal e um grupo de advogados, com base em uma lei pouco conhecida, forçaram uma corporação americana a reparar danos por crimes em Mianmá

POR RENA DICTOR LEBLANC

**K**ATIE REDFORD, uma jovem advogada americana, estava sentada no chão de uma casa pobre com telhado de zinco na selva da Tailândia, escutando o que lhe dizia uma velha mulher.

Seus olhos se encheram de lágrimas ao contar que um oficial do Exército do país vizinho de Mianmá (ex-Birmânia) ordenou que ela levasse sua sobrinha-neta de 15 anos

para a tenda dele, onde um soldado lhe disse ainda: “Você vai morrer se não obedecer.” E ela fez o que ele mandou.

A avó ouvia os gritos da menina, mas não podia fazer nada para salvá-la. Depois, contou a mulher, ela também foi estuprada.

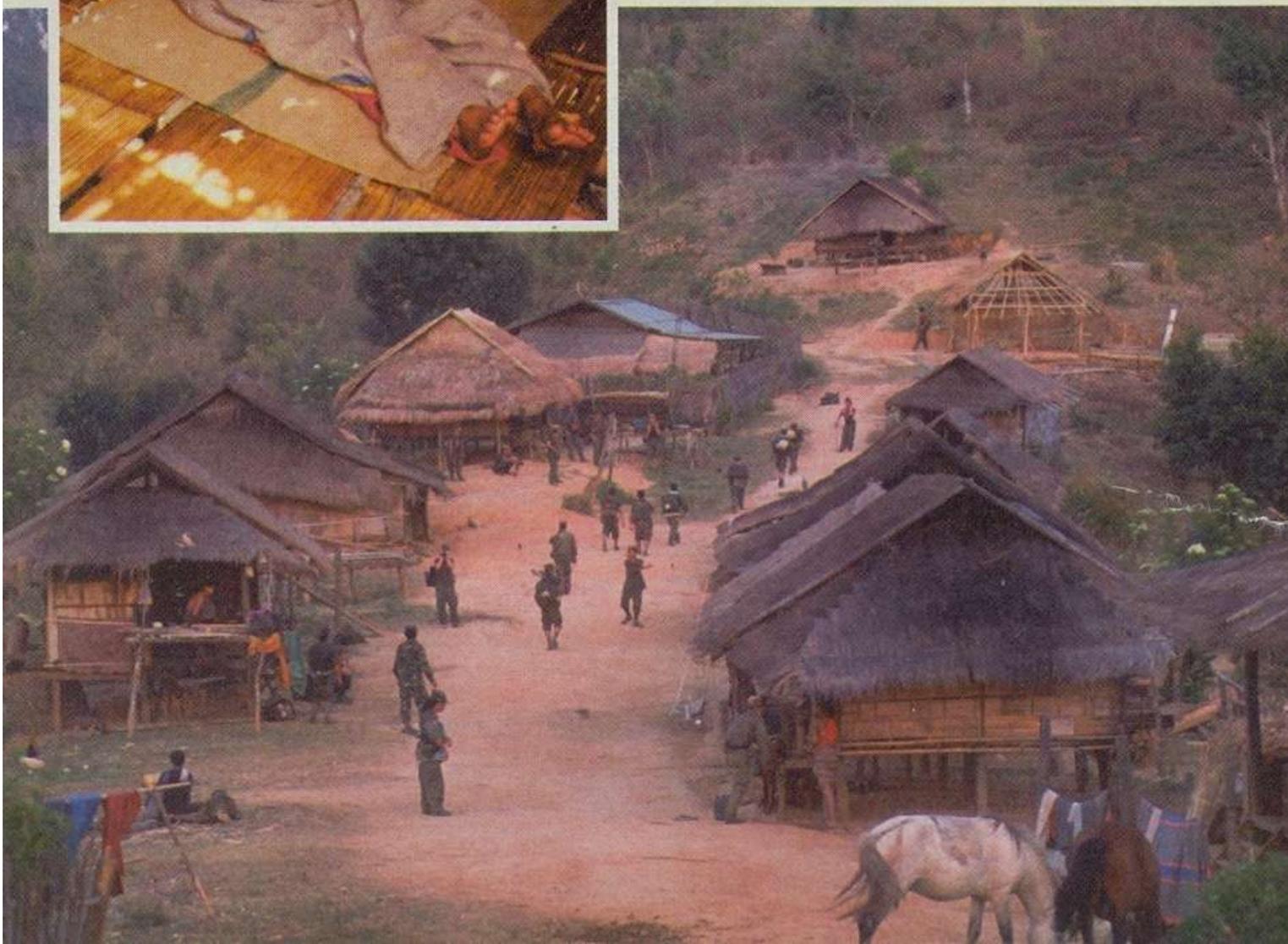
“Use minha história da maneira que quiser”, ela implorou a Katie. “Quero fazer tudo o que puder para conseguir justiça.”

O que tornava a história ainda mais terrível era o fato de que aqueles soldados faziam a segurança de um gasoduto avaliado em 1,2 bilhão de dólares e que estava sendo construído de Mianmá até a Tailândia para um consórcio que incluía uma empresa norte-americana de energia, a Unocal, cuja sede fica na cidade de El Segundo, na Califórnia.



O PROFUNDO envolvimento de Katie com Mianmá começou durante as primeiras férias de verão que teve quando cursava Direito na Universidade da Virgínia, em 1993. Katie se ofereceu como voluntária para a ONG Human Rights Watch e atravessou clandestinamente a fronteira entre a Tailândia e Mianmá a fim de documentar supostas violações de direitos humanos cometidas pela indústria madeireira.

A jovem (ao lado) diz que seu filho morreu depois que um oficial do Exército birmanês chutou-a enquanto ela segurava o bebê no colo. Eles caíram sobre o fogo do fogão. Os pobres dos vilarejos de Mianmá alegam que foram forçados a trabalhar no gasoduto da Unocal.



Os aldeões a aconselharam a procurar a ajuda de um jovem chamado Ka Hsaw Wa. Katie, no entanto, contraiu malária logo no início do trabalho e Ka Hsaw Wa cuidou dela, preparando-lhe sopas porque ela não podia comer alimentos sólidos. Durante o tempo que passaram numa cabana no meio da floresta, Katie explicou a Ka Hsaw Wa qual era sua missão.

Ka Hsaw Wa disse-lhe que havia um problema mais urgente: uma empresa de energia estava construindo um gasoduto no sul de Mianmá. Milhares de soldados tinham sido enviados ao local, onde ocorriam vários tipos de abusos.

Ele também contou a Katie que havia sido torturado por soldados aos 17 anos. No início sonhou com vingança, mas então se convenceu cada vez mais de que violência só gera mais violência.

Em vez de lutar contra os soldados, Ka Hsaw Wa decidiu documentar histórias de violência extrema e divulgá-las fora do país, na esperança de causar indignação à comunidade internacional e forçar o governo de Mianmá a tomar uma atitude. Se fosse descoberto, as consequências seriam terríveis. “Onde é que você arruma tanta coragem?”, perguntou Katie.

“Se eu não faz isso, ninguém faz”, respondeu ele no seu inglês capenga. “E isso virar minha coragem.”

Ka Hsaw Wa arriscara tudo pela causa em que acreditava. Katie ficou maravilhada.

QUANDO VOLTOU para a faculdade, Katie e Ka Hsaw Wa passaram a trocar correspondências. Foi então que, durante uma aula de Direito Internacional, Katie tomou conhecimento de uma lei aprovada pelo Congresso americano em 1789 que fora pouco aplicada nos últimos dois séculos. A Alien Tort Claims Act (Lei de Delitos Estrangeiros) pode ser usada como base para processos abertos por pessoas que não são cidadãs americanas em tribunais federais dos Estados Unidos para lutar contra violações de direitos humanos.

Quando Katie se reencontrou com Ka Hsaw Wa na Tailândia, no verão de 1994, levou com ela seu colega de faculdade Tyler Giannini. Antes mesmo que Tyler e Ka Hsaw Wa se conhecessem, Katie já lhes havia sugerido: “E se nós nos juntássemos para ajudar as vítimas do gasoduto?” Os três bolaram um plano: Katie e Tyler tentariam encontrar maneiras de abrir um processo e Ka Hsaw Wa reuniria provas entrevistando as vítimas.

Nessa época, algo além de uma amizade nascia entre Katie e Ka Hsaw Wa. Embora ele houvesse lhe dito que nunca se casaria porque estava comprometido com sua revolução e com seu povo, quanto mais tempo passavam juntos, mais ele ia mudando de idéia.

No último ano de faculdade, Katie escreveu uma tese mostrando como cidadãos não-americanos poderiam usar a Lei de Delitos Estrangeiros para processar uma corporação

americana num tribunal federal dos Estados Unidos. O professor deu a ela nota dez, mas garantiu que tal tipo de processo dificilmente seria aceito pela corte.

**Q**UANDO KATIE, Ka Hsaw Wa e Tyler fundaram a EarthRights International, uma organização sem fins lucrativos, perceberam que ainda não tinham experiência suficiente para lidar com um processo daquela magnitude. Eles sabiam que o Centro de Direitos Constitucionais, outra organização sem fins lucrativos baseada em Nova York, estava investigando a Unocal e buscando mais indícios de violações cometidas na zona militarizada em torno do gasoduto. Ka Hsaw Wa e Katie eram as pessoas ideais para consegui-los.

Um dia depois de fazer a prova para se tornar advogada, Katie pegou um avião para a Tailândia a fim de se encontrar com Ka Hsaw Wa. Nessa época ele já havia entrevistado cerca de 500 aldeões, assim como ex-soldados de Mianmá que haviam fugido da área. No escritório da EarthRights, na Tailândia, Katie entrevistou de novo, detalhadamente, 100 dessas pessoas para obter testemunhos que pudessem ser utilizados mais tarde num tribunal.

Uma mulher lhe contou que soldados de Mianmá haviam aparecido em sua casa procurando seu marido, que fugira do trabalho forçado no gasoduto. Ninando a filha, ainda bebê, a

mulher disse que não sabia onde ele estava. Então um oficial chutou-a com tanta força que ela caiu com o bebê por cima das chamas do fogão. O bebê morreu pouco tempo depois. Katie avisou à mulher que os advogados da defesa iriam lhe fazer muitas perguntas sobre o caso, tentando pegá-la numa contradição ou mentira. Ela não se intimidou: “Se eu fosse homem, pegava uma arma e matava os soldados que fizeram isso conosco.”

NO ANIVERSÁRIO de 25 anos de Ka Hsaw Wa, ele e Katie conversavam quando, subitamente, Ka Hsaw Wa confessou:

– Eu amo uma pessoa e, se algum dia resolvesse me casar, gostaria que fosse com ela.

Katie aconselhou:

– Você deveria dizer a essa moça o que sente.

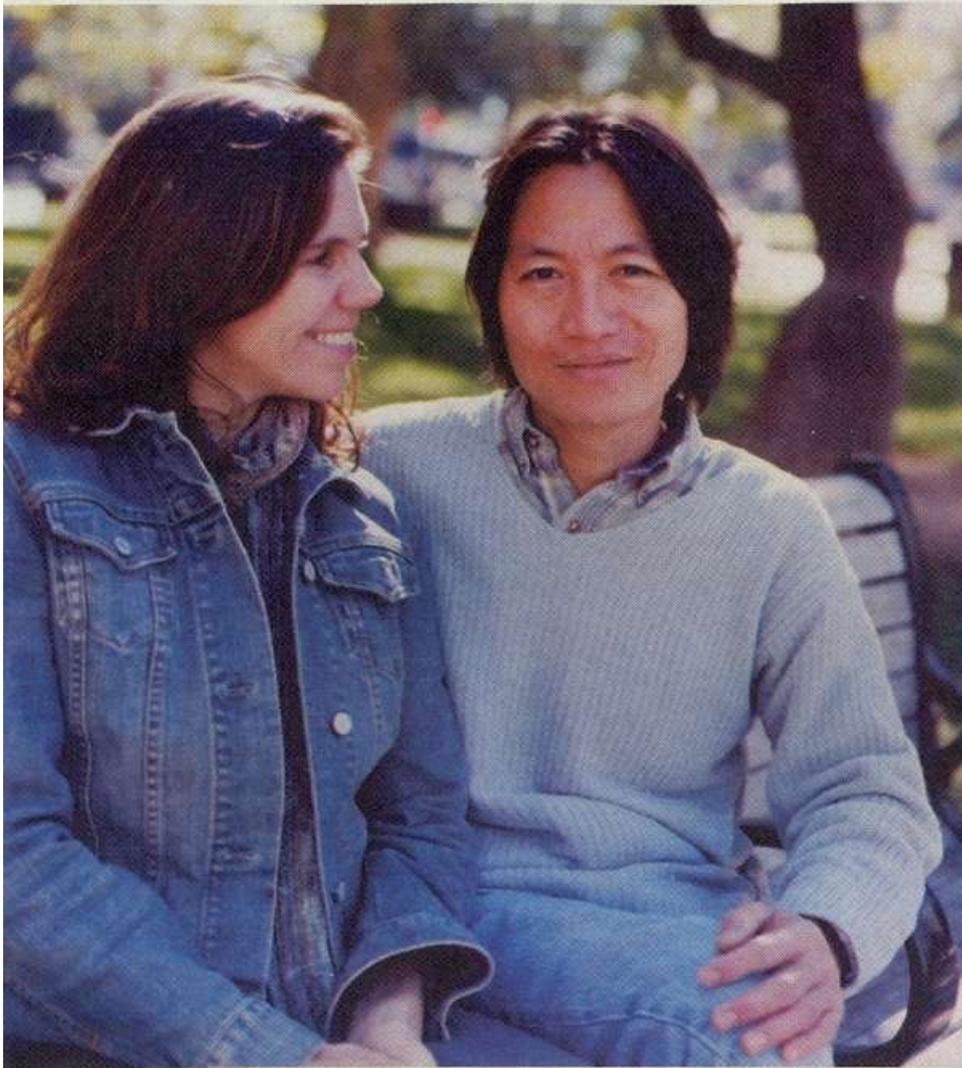
– Bem... – respondeu Ka Hsaw Wa – é você.

Com o coração cheio de alegria, Katie declarou:

– Eu também te amo...

Em novembro de 1996, os dois se casaram. Numa cerimônia bem colorida, caminharam até o altar sob um túnel formado por varetas de bambu com flores e empunhadas por 30 convidados. Artistas locais cantaram e dançaram, e a celebração durou o dia inteiro. Foi um dia mágico.

Logo a intensa campanha feita por Katie, Ka Hsaw Wa e Tyler começou a dar frutos. Em outubro de 1996, os advogados Paul Hoffman, Dan Storrmer e Judith Chomsky, do Centro de



**O objetivo de Katie e Ka Hsaw Wa era uma questão de justiça – e amor.**

Direitos Constitucionais, juntaram-se à EarthRights e abriram um processo de violação de direitos humanos num tribunal da Califórnia, representando um grupo de sobreviventes dos abusos sofridos em Mianmá. Eles alegavam que entre a Unocal, a empresa estatal de petróleo de Mianmá e a empresa de petróleo francesa Total havia uma conspiração que levava a violações dos direitos humanos cometidas pelo Exército de Mianmá.

Também alegavam que a Unocal estava ciente, ou deveria estar ciente, das violações e apoiava trabalho escravo, assassinatos, estupros e

remoção forçada dos aldeões, e que o Exército de Mianmá fazia a segurança e outros serviços para o gasoduto. Tanto a Unocal quanto a Total negaram todas as acusações. A Total mais tarde foi excluída do processo, porque os tribunais americanos não têm jurisdição sobre ela.

Era uma briga entre Davi e Golias, entre os aldeões mais pobres e uma empresa multinacional de energia. Os reclamantes se esconderam, temendo ser assassinados se a identidade deles fosse descoberta pelo governo de Mianmá.

O tribunal decidiu que o processo poderia seguir adiante apoiado principalmente na Lei de Delitos Estrangeiros. Quando Katie e Ka Hsaw Wa voltaram à Tailândia para contar aos seus clientes sobre a vitória que haviam obtido, um deles perguntou: “Então já podemos ir para casa?” O casal teve de explicar que aquele era apenas o primeiro passo de uma maratona legal.

Ao longo de oito anos, durante os quais Katie e Ka Hsaw Wa tiveram uma filha e um filho, o processo passou de tribunal para tribunal, numa montanha-russa de vitórias, apelos de sentenças e derrotas para ambos os lados. Em junho de 2004 – ironicamente, durante outro processo – foi

pedido que a Suprema Corte dos Estados Unidos bloqueasse o uso da Lei de Delitos Estrangeiros como ferramenta para defender os direitos humanos. Se a Suprema Corte concordasse, o processo contra a Unocal seria arquivado. Mas não foi isso o que aconteceu.

Em março de 2005, o que nove anos antes havia começado como um sonho impossível do valente trio da EarthRights se tornou realidade: a Unocal aceitou fazer um acordo extrajudicial.

A empresa concordou em compensar os 15 reclamantes sobreviventes e a família do bebê assassinado, financiar programas para melhorar as condições de moradia, saúde e educação dos habitantes da região do gasoduto, e proteger seus direitos. O valor da quantia paga não foi divulgado.

A Unocal insiste em dizer que todos os trabalhadores do gasoduto eram remunerados e voluntários, que nenhum aldeão foi removido à força

e que os donos de terra receberam o que lhes era devido. A empresa afirmou mais tarde: “Não fizemos nada de errado e sempre respeitamos os direitos humanos em Mianmá.”

A LONGA CRUZADA de Katie, Ka Hsaw Wa e todos os seus aliados vai afetar profundamente os empreendimentos de corporações americanas em solo estrangeiro. Como diz Robert Benson, professor de Direito Internacional da Faculdade de Direito Loyola, em Los Angeles: “O processo da Unocal mostra às corporações que, se elas violarem direitos humanos e leis ambientais em seus empreendimentos em solo estrangeiro, vão ter de pagar nos tribunais dos Estados Unidos.”

Hoje, Katie e Ka Hsaw Wa vivem com seus filhos no estado americano de Maryland. Para Katie, no entanto, os verdadeiros heróis são seus clientes, “que arriscaram a vida pela justiça e ainda precisam se esconder pelo que ousaram fazer”.

## TAL CÃO, TAL HOMEM

Nosso adorado, e já idoso, cãozinho, *Sam*, foi à veterinária para tomar banho e ser escovado. Eu avisei aos funcionários que estava surdo.

– Para conseguir qualquer reação dele e a sua atenção – aconselhei –, é preciso fazê-lo olhar para você e usar gestos, em vez de palavras.

A assistente então me perguntou:

– Até aí, nenhuma novidade. Não é assim que a gente faz com os homens?

Eu soube, então, que *Sam* estava em boas mãos.



GLORIA O'DONELL, Austrália